

## A expressão “filosofia ocidental-europeia” é uma tautologia?<sup>1</sup>

Luís Thiago Freire Dantas<sup>2</sup>

*Outros povos têm santos, os gregos têm sábios.*

Nietzsche

A filosofia teve sua origem na Grécia antiga. Essa afirmação é comum àqueles que explicam o surgimento da filosofia, apenas divergindo sobre qual pensador grego a filosofia obteve seu surgimento e peculiaridade referente a outras sabedorias. Outro ponto diz respeito à formação do Ocidente a partir da filosofia que é produzida no continente europeu, mais especificamente entre os gregos. Dessa maneira, afirmar que a filosofia como ocidental-europeia aparenta como reprodução de um senso comum entre os teóricos desse pensamento:

A filosofia foi criação do gênio helênico: não derivou aos gregos a partir de estímulos precisos tornados das civilizações orientais; do Oriente, porém, vieram alguns conhecimentos científicos, astronômicos e matemático-geométricos, que o grego soube repensar e recriar em dimensão teórica, enquanto os orientais os concebiam em sentido prevalentemente prático (REALE, 2003, p.3).

Partindo desse ponto de teórico, o chamado “ócio criativo” foi fundamental para o desenvolvimento da filosofia e, principalmente, não haveria tal vida ociosa em qualquer outra civilização. Diante dessa afirmação, vale-se contrapor com o estudo feito pelo filósofo congolês Théophile Obenga (1990) que destaca a vida intelectual no Egito Antigo a partir dos escribas como aquelas pessoas que tem a sua vida voltada para as formulações dos princípios morais, éticos e políticos da sociedade por meio da escrita:

Os escribas, “aqueles que escrevem”, sacerdotes ou não, todos esses que manuseiam as plumas, são a base da sociedade faraônica e constituem o fundamento mesmo do Estado: eles forjaram o pensamento egípcio e mantiveram, durante três milênios, os valores morais, intelectuais, culturais, espirituais, científicos, etc. da sociedade faraônica. (OBENGA, 1990, p. 207).

Com isso, esse texto procurará problematizar a concepção da origem da filosofia na Grécia antiga, ressaltando a presença de um pensar filosófico em outro continente – o

---

<sup>1</sup> Esse texto é resultado de uma comunicação realizada na VI Semana de Filosofia da UFPR.

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia (UFPR). Mail: [fdthiago@gmail.com](mailto:fdthiago@gmail.com)

africano. Para isso, primeiro, detalhar-se-á a partir de uma conferência de Heidegger: *O que é isto – a filosofia?* (1957) como a explicação da origem grega possui uma conotação histórica de um específico modo de pensar, porém contrapor-se-á que esse pensar seja privilegiado de um local geográfico específico, e sim que o Ocidente não permitiu entrever a possibilidade de outra construção do discurso.

Desse modo, inicialmente vale citar uma passagem da conferência *O que é isto – a filosofia* que ilustra muito bem essa concepção da origem da filosofia:

A palavra *philosophia* diz-nos que a filosofia é algo que pela primeira vez e antes de tudo vinca a existência do mundo grego. Não só isto – a *philosophia* determina também a linha mestra de nossa história ocidental-europeia. A batida expressão “filosofia ocidental-europeia” é, na verdade, uma tautologia. Por quê? Porque a “filosofia” é grega em sua essência, e grego aqui significa: a filosofia é nas origens de sua essência de tal natureza que ela primeiro se apoderou do mundo grego e só dele, usando-o para se desenvolver (HEIDEGGER, 2009, p.17).

Esse trecho situa-se como resultado de uma construção heideggeriana sobre a pergunta filosófica fundamental: *o que é?* De acordo com Heidegger tal pergunta é movida por uma história que se revela como grega, por causa do termo propiciador dessa pergunta: *o ti. Ti tò on?* O que é o ente? A construção dessa pergunta foi somente possível no mundo grego pelo fato de que, para Heidegger, a língua grega possui uma especificidade ausente em outras línguas: “Lentamente vislumbramos em nossa reflexão que a língua grega não é uma simples língua como as europeias que conhecemos. A língua grega, e somente ela, é *logos*” (HEIDEGGER, 2009, p.21). *Logos* não possui uma tradução definida, mas pode traduzir-se por um discurso racional que explica a ordenação do mundo afastado de um mito, isto é, de um mero contar de estórias. No decorrer da conferência, uma das implicações retiradas por Heidegger a partir dessa constatação é que a coisa em si mesma só é possível aos humanos, se caso experimentarem a língua grega em si mesma: “Pela palavra grega verdadeiramente ouvida de maneira grega, estamos imediatamente em presença da coisa mesma, aí diante de nós, e não primeiro apenas diante de uma simples significação verbal” (HEIDEGGER, 2009, p. 21).

Outro aspecto da importância do discurso filosófico é que ele consolidou-se, de acordo com Heidegger, através das interrogações de Platão e Aristóteles, pois apesar de que o termo *philosophos* tenha surgido muito provavelmente com Heráclito, tanto ele quanto Parmênides seriam os “maiores” pensadores porque “ainda se situavam no acordo com o *Lógos*, quer dizer, com *Hén Panta* [Um é Tudo]” (HEIDEGGER, 2009,

p.23). Isto quer dizer que se refletia sobre o espanto de como o ente é no ser e como no fenômeno do ser se manifesta o ente. Enquanto que a filosofia tem o surgimento por meio de um combate com os sofistas em que Aristóteles afirma a filosofia como “um especular sobre os princípios e as causas primeiras” (ARISTOTELES, 2002, p.11).

Em consequência, para Heidegger, refletir sobre a filosofia só se inicia com um diálogo com o pensamento do mundo grego. Tal diálogo promove um confronto com a própria história do Ocidente, que é constituído pela Europa, assim, “A frase: a filosofia é grega em sua essência, não diz outra coisa que: o Ocidente e a Europa, e somente eles, são, na marcha mais íntima de sua história, originariamente ‘filosóficos’” (HEIDEGGER, 2009, p.18). Diante dessa exclusividade entre o Ocidente e a Europa é possível responder positivamente que expressar “filosofia ocidental-europeia” é uma tautologia?

Se for pensada no sentido estrito de *Tauto* (Mesmo) e *Logia* (Discurso), revelando que a filosofia é um discurso do mesmo, então não haveria problema nessa expressão. Porém, infere-se daí uma alteridade negativa, uma vez que se nega o outro como independente em si mesmo, de tal maneira que a afirmação de uma filosofia africana pode soar muitas vezes chocante e com aparência de intuir a colonização através de um modo de pensar restrito ao europeu.

Contudo, o filósofo camaronês Marcien Towa (1971) escreveu em vários de seus livros teses que pretendem criticar a impossibilidade do africano em construir uma filosofia. Aqui privilegiaremos o *Essai sur la problematique philosophique dans l’Afrique actuelle*. Nesse ensaio, o autor contrapõe-se às análises sobre o continente africano que reduzem os seus diversos povos em uma mentalidade pré-lógica, estranha ao conceito e à abstração. Como por exemplo, a análise feita pelo sociólogo francês Levy-Bruhl em que as “sociedades primitivas” seriam aquelas qualitativamente diferentes do homem civilizado europeu. Assim, a crítica de Towa diz respeito a quem cai o rótulo de *sociedades primitivas*:

Caem na categoria de “sociedades primitivas” todos os “primitivos”, africanos e australianos, naturalmente, mas também o Egito antigo e o México pré-colombiano; nestas duas últimas sociedades mesmo as representações coletivas que são “apreciadas” em suas formas de conceito, são mantidas notadamente em sua característica pré-lógica e mística (TOWA, 1971, p.5).

Essa mentalidade pré-lógica também pode ser designada como mítica, pois para Towa esse seria o ponto de incompreensão da filosofia europeia para com o pensar

cultural das demais regiões do planeta. De tal modo, não é estranho que nas lições sobre a *Filosofia da história*, Hegel (2001, p.109) considere que a África “é o país da infância [da Razão] que, além da recente história consciente, é envolta na cor negra da noite” e em consequência, o espírito científico é nessa situação inacessível ao africano. Como também, ele defende que para retirar o caráter primitivo do continente, a escravidão funcionou como instrumento que propiciou a inserção da humanidade nos africanos: “A escravidão trouxe mais humanidade aos africanos” (HEGEL, 2001, p.112).

Além dessas observações conceituais, Towa critica a “afirmação intrépida” de Heidegger sobre equivalência entre o Grego e o Ocidente, pois disso se afirma que a filosofia possui uma essência histórica e qualquer desdobramento necessita de uma volta ao período nascente da filosofia. Com isso, revela uma base identitária que um povo carece para obter certo grau filosófico. Em contrapartida, Towa levanta uma objeção a partir de uma diferença de conceitos entre o que seria o modelo europeu e o que seria o africano. Primeiramente, é preciso ter em mente que o fazer filosófico não consisti num jogo etimológico de palavras, mas uma consideração sobre o mundo em seus princípios, dessa forma, Towa considera como tarefa do filosofar africano contemporâneo:

A história de nosso pensar não deve se propor a exumação de uma filosofia que nos dispensariam de filosofar, mas acima de tudo a determinação do que em nós é subversivo para que seja possível a subversão do mundo e da nossa atual condição no mundo (TOWA, 1971, p.75).

Precisamente pela subversão é que consiste na maneira de como o pensamento guia-se na perspectiva cosmopolita. Um tipo de subversão diz respeito à origem da filosofia, isto indica que o filosofar não é genuinamente grego, na verdade, Towa parte da geração da década de 1970 em que critica a noção de “milagre grego”, porém ressaltando o Egito antigo como a irmã mais velha da Grécia antiga e esta tendo em muitos aspectos reprodução de princípios já alicerçados entre os pensadores egípcios. Além disso, apresentar a filosofia como um discurso muito antes nômade em que as construções teóricas seriam efeitos de uma troca de saberes entre diversos pensadores em suas culturas é decorrente de que o Egito por muito tempo fora tratado pelos pensadores gregos como um estágio para desenvolver suas ideias, por exemplo, é documentado que Pitágoras passou 20 anos no Egito, Demócrito 5 anos e Platão 13 anos.

Outro aspecto situa-se na passagem do mito à filosofia, de acordo com Towa esse afastamento entre mito e filosofia é aparente na medida em que um e outro estão interligados impossibilitando uma autonomia na correlação entre ambos. E se assim não é considerada pela tradição filosófica, então é necessário colocar em questão a condição do animal, pois de acordo com alguns filósofos africanos a diferença entre homem e animal não é tão abissal quanto sustenta a filosofia europeia. Por isso, Towa escreve que “O *homo philosophicus* tem menos direito sobre o *homo mythicus* que ele sobre o animal, porque a lacuna é menos profunda entre a filosofia e o mito do que entre o mito e o instinto” (TOWA, 1971, p.13).

Levando em conta que o importante dessas considerações não é invalidar uma filosofia, mas questionar sobre o modo de ser filosófico, então se procura não restringir a filosofia em uma disciplina acadêmica, antes ter em mente que se trata de um projeto político em que ser filósofo é dar ao pensamento um espaço de atuação no mundo. Com isso, o mundo não se refere a uma totalidade que viria revelar um discurso harmônico e/ou universal, mas antes que o mundo seria uma série de fragmentos em que o múltiplo se funde no pensar.

Além disso, caso seja mais “acadêmico” aceitar a afirmação de que a filosofia tem sua origem na Grécia e, por isso, possui um padrão europeu para a sua construção, então a nós, que estamos abaixo da linha do Equador, resta somente concordar com Caetano Veloso (1984) de que: “Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção [pois] Está provado que só é possível filosofar em alemão”!

## Referências

- ARISTÓTELES. **Metafísica. Vol.2.** São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. O que é isto – a filosofia? In: **Os Pensadores: Conferências e Escritos Filosóficos.** São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HEGEL, Friedrich. **The Philosophy of History.** Ontario: Batoche Books, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na idade trágica dos gregos.** Lisboa: Edições 70,
- OBENGA, Théophile. **La philosophie africaine de la période pharaonique.** L’Harmattan, 1990.
- REALE, Giovanni. **História da filosofia. Vol.1.** São Paulo: Paulus, 2003.
- TOWA, Marcien. **Essai sur la problématique philosophique dans l’Afrique actuelle.** Yaoundé: Ed. CLE, 1979.
- VELOSO, Caetano. Língua. In: **Velô.** 1984.